

JOSE' PEDRO XAVIER DA VEIGA

(ESBOÇO BIOGRAPHICO)

A *Revista do Archivo Publico Mineiro* registra hoje, entrando em nova phase, a sua primeira ephemeride dolorosamente infausta: — a perda do seu fundador, a cujo talento privilegiado, infatigaveis esforços e sabia direcção esteve confiada durante quatro annos de ininterrupto e crescente successo.

A data de 8 de agosto de 1900, que fechou o cyclo luminoso da existencia do sr. Xavier da Veiga, assignala, em verdade, uma irreparavel perda, não só para a imprensa historica, de que era esta *Revista*, sob a sua discreção, uma elevada tribuna, donde elle doutrinou lições fecundas, conseguindo despertar no espirito mineiro vivo interesse pelas cousas do seu passado; como tambem para o instituto, destinado pelo legislador a servir de arca santa das nossas mais caras tradições e cimeliarcho de titulos e direitos imprescriptiveis.

Hoje por nós, amanhã pela posteridade, deve essa data ser additada, appendice necessario, ás impereciveis *Ephemerides Mineiras*, vasto repositorio onde elle accumulou numerosos subsidios para a Historia de Minas Geraes, e de seus grandes homens.

Não é de certo a quem traça estas linhas, ainda tremulas da emoção do triste successo recente, que compete proferir o julgamento definitivo e irrecorrivel do preclaro cidadão, que, até mezes proximos, illuminava o nosso scenario com os fulgores do seu cultissimo espirito.

Acontecimento, como esse que tão vivamente se relaciona com a vida mental do povo mineiro, não pode ser apreciado de perto com inteira imparcialidade e exactidão. A corrente dos sentimentos pessoais, as inevitaveis suggestões do meio commum, em que se desenvolve a acção, ou passa o evento, a preocupação de que se escreve para testemunhas vivas, são outros tentos obices a que se attinja esse

critério decisivo, sereno e supremamente calmo, com que os acontecimentos e os homens são qualificados no pantheon da Historia.

Entretanto, si a veneração profunda que tributamos á memoria do illustre extinto, e a estima, elevada ao maximo de affecto que votavamos nos ultimos tempos a suas altas qualidades moraes a que sempre fizemos justiça, tiram ao nosso juizo essa auctoridade capaz de conferir uma laurea que os contemporaneos acatem e os posteriores confirmem; não é isso razão para que se retráia o nosso pronunciamento, quando as auctoridades mais competentes do paiz já proferiram o seu veredicto, baseadas nas mesmas provas que nos servem de fundamento e no testemunho desta geração mineira.

José Pedro Xavier da Veiga nasceu na cidade da Campanha em 13 de abril de 1846.

Foram seus paes o tenente-coronel Lourenço Xavier da Veiga e d. Jesuina de Salles Veiga, representantes ambos de illustres familias mineiras, ás quaes a patria, a sciencia e as letras devem inolvidaveis serviços.

Desde a sua primeira infancia, veiu-se revelando aos seus mestres e condiscipulos aquella acuidade de espirito, assimilação prompta, curiosidade vivaz de saber e tenacidade resistente de memoria, que, em admiravel conjuncção superior, formaram mais tarde a sua physionomia intellectual.

Aos nove annos de idade, tinha completo o curso primario, sobresahindo já nessa instrucção rudimentar algumas noções precocemente adquiridas pelo seu espirito infantil, accêso na ambição de saber, o que seus carinhosos paes presenciavam com um mixto de prazer e inquietação.

Mudando-se estes para o Rio de Janeiro em 1857, ahí encetou Xavier da Veiga a carreira commercial, empregando-se na livraria de seu tio, o commendador João Pedro da Veiga. Não lhe podia ser mais propicio o meio. Embora em funcções extranhas, senão adversas a todas as tendencias do seu espirito, essa convivencia commercial com os livros, acatou por lhe adquirir, como era natural, affinidades de character mais elevado.

E Xavier da Veiga, que cumpria com rigorosa exactidão os seus deveres de empregado, não teve mais lazeres, dedicando as horas de repouso ao estudo, sem mestre, de varios preparatorios, em que logo ficou habilitado.

Nem tudo isso, porem, lhe satisfazia o temperamento. Apenas com doze annos de idade, desprezando os passatempos proprios da puericia, sentia-se elle attrahido para a vida interna do pensamento.

Longas horas encerrado em seu quarto, o futuro artista, historicographo e jornalista esboçava as suas primeiras impressões estheticas, despertadas pelo espectáculo grandioso da nossa natureza.

Não tardou que a sua precoce cultura despertasse a attenção e se tornasse conhecida. Outros rapazes approximaram-se então d'elle, e em torno de sua superioridade, embora fosse o mais moço de todos, fundava-se a « Sociedade de Ensaios Litterarios » em cujas actas e *Revista*, redigida por Xavier da Veiga, brilham os nomes de muitos cidadãos, que como elle vieram a occupar elevadas posições sociaes.

Com vinte e um annos de idade, em 1867, foi mandado para S. Paulo, onde devia concluir os preparatorios e matricular-se na Academia de Direito.

Florescia ahí um grupo de distinctos estudantes mineiros, de que passou a fazer parte Xavier da Veiga.

Eram seus amigos e constantes companheiros os depois illustres politicos drs. Silviano Brandão, Affonso Penna, Chrispim Bias Fortes, Feliciano Penna e outros.

As scintillações do espirito de Xavier da Veiga, a delicadeza do seu trato e a firmeza de seu character, fizeram-no desde logo querido e admirado de seus condiscipulos e considerado de seus mestres.

Em plena actividade de seus estudos e quasi prestes a colher os resultados de tantos esforços e vigílias, foi accommettido de prolongada molestia, que lhe depauperou o organismo, talvez já predisposto a essa crise pelos repetidos trabalhos e locubrações litterarias.

Embora grave, a molestia cedeu á pericia profissional do finado dr. Gustavo Camara e aos desvelos e carinhos de seus collegas e especialmente do illustre dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides e sua familia. Passára a crise grave da molestia, mas o convalescente ainda se resentia do abalo que lhe deixára no organismo, principalmente nos pulmões que se tornaram extremamente fracos.

Só depois de regressar á Campanha e ao cabo de alguns mezes de abandono completo de seus estudos favoritos, foi que o joven José Pedro logrou recuperar completamente a saúde.

Não lhe entibiara esse revez o ardôr pelas letras, especialmente depois que o seu talento recebera na Paulicéa o baptismo que o sagrara nas rodas litterarias e da imprensa.

Não voltou, entretanto, mais a S. Paulo a proseguir os seus estudos regulares, o que o não impediu de formar, com esforço proprio, o seu espirito na cultura de variados ramos de sciencias sociaes e politicas, do que deu numerosas provas na imprensa e na tribuna parlamentar.

Ainda muito moço, recebeu a investidura vitalicia de um cargo de justiça no termo de Lavras, cujas funcções desempenhou com grandes louvores.

Abriu-se logo depois mais dilatado scenario á expansão de suas notáveis aptidões, sendo em 1872 seu nome suffragado para deputado á assembléa provincial de Minas, onde tomou assento e dominou desde logo pelo brilho da sua palavra.

Desde essa legislatura até a ultima de 1880, com excepção apenas de algum curto intervallo, foi sempre reeleito.

Mudara-se então para Ouro Preto, onde se dedicou á imprensa politica, occupando-se proficientemente de todas as questões do tempo.

Foi na *Provincia de Minas* que se accentuou e irradiou em todo o seu esplendor o talento jornalístico de Xavier da Veiga, cuja auctoridade politica era aclamada pelos correligionarios e acatada pelos adversarios que lhe proclamavam os meritos, mesmo através das refregas mais acirradas da politica partidaria, em que nem sempre domina a justiça imparcial.

Como premio de benemerencia literaria, foi-lhe pelo imperador conferida a commenda da Ordem da Rosa, em plena situação liberal, á qual modestamente se esquivou, deixando de tirar o respectivo titulo. Fôra tambem distinguido com o diploma de socio correspondente do Instituto Historico Brasileiro.

Casára-se nesta cidade com a Exm.^a Senr.^a D. Luiza do Amaral, filha do commendador Francisco Teixeira Amaral, de veneranda memoria, de cujo consorcio teve seis filhas, duas das quaes, D. Emilia e D. Jesuina são hoje casadas, a primeira com o Dr. Clodomiro de Oliveira, a segunda com o Dr. Alfredo Baeta Neves, professores ambos da Escola de Minas.

Proclamada a Republica, e extinctos os antigos partidos, fundou Xavier da Veiga o periodico *A Ordem*, cujos artigos muito contribuíram entre os seus velhos correligionarios para a aceitação pacifica do novo regimen no Estado de Minas.

Sendo o seu nome então indicado para o Congresso Constituinte Nacional, excusou-se modestamente, declarando não recusar os seus serviços ao Estado de Minas, si para o seu Congresso fosse eleito.

Esta promessa foi exuberantemente cumprida, porquanto nessa notavel assembléa, onde tomou assento como senador, prestou elle relevantissimos serviços á constituição e organização do Estado de Minas, discutindo com admiravel proficiencia, reveladora de vasto preparo, as questões mais importantes de direito constitucional, ora nas commissões, tendo feito parte saliente da de constituição, ora na tribuna das sessões, onde os seus discursos eram ouvidos com o maximo interesse.

Encerrado o cyclo constituinte, continuou o benemerito mineiro a ser no Senado incansavel paladino da causa publica, zelando intransigentemente o credito de Minas, iniciando projectos de medidas de capital interesse, oppondo-se a reformas precipitadas, e fa-

cilitando a expansão de todas as nossas forças vivas para a fructificação de beneficios do actual regimen.

Em 1895, tendo o governo do Estado de organizar o Archivo Publico Mineiro, creado pela lei n. 126, de 11 de julho daquelle anno, e obedecendo a um alto criterio de acerto, reclamou ao Senador Xavier da Veiga os seus valiosos serviços para, como director dessa Repartição, auxiliar o governo nessa ardua missão.

A esse convite correspondeu promptamente o laureado parlamentar e homem de letras, trocando a posição eminente que elle occupava no seio da representação mineira, pelo espinhoso e mais modesto posto de director do Archivo Publico.

De como se houve no desempenho deste cargo, desde a fundação e organização do Archivo até pouco antes de fallecer, abí está para prova essa mesma repartição, em cujo recincto pode o visitante, curioso do nosso passado, reconstruil-o em breve relance.

Para esse resultado fôra, entretanto, grande parte da sua actividade anterior um longo e paciente preparo em todos os assumptos que se prendiam aos homens e ás cousas de Minas Geraes, objecto constante e favorito de suas pesquisas e vigílias.

Preoccupado durante dezoito annos com a apprehensão esmagadora que assaltára Theophilo Braga ao medir as consequencias de um incendio de que esteve ameaçada a Torre do Tombo, não descansou Xavier da Veiga, na faina que a si mesmo se impoz, de recolher aqui e alli todos os factos mais importantes da historia mineira, salvando esses preciosos despojos de qualquer catastrophe possivel ou da acção corrosiva do tempo, das traças ou, o que é o mesmo — do esquecimento dos homens. O zelo religioso que elle guardava pelas tradições do nosso passado, o entusiasmo que lhe vibrava no coração diante de um feito heroico praticado por mineiro, a veneração que lhe captivava o affecto ao deparar num antigo codice ou em poido alfarrabio, o relêvo de um character ou o brilho de uma virtude, não arrefeceram jámais com outras cogitações, a que foi frequentemente attrahido pela politica, pelo jornalismo e pelas letras amenas. Os documentos da historia: — eis o seu objectivo, o alvo a que se dirigiam os seus mais insistentes cuidados.

« Sem elles, dizia em notavel introdução desta Revista, — obscurecida ou deturpada a verdade dos factos á feição dos interesses e das paixões, eliminadas as fontes de que manam para a Historia a propria origem e a austeridade fecunda de seus conceitos — não raro careceria o investigador sincero ser illuminado, o que só alcançam genios privilegiados.»

« Sem elles, pois, — quantos enigmas e mysterios impenetraveis nas paginas do passado! quantos ensinamentos perdidos! e quanto sacrificios desaproveitados, feitos por homens de tempera rija, de in-

telligencia rutila e de coração alentado, em lutas a prol da Liberdade, da Justiça, do Progresso e da Pátria, lutas repetidas e frequentemente dolorosas nas quaes não poucos se glorificaram como heroes!»

Não basta, porém, possuil-os, esses documentos, é preciso tambem decifral-os e entende-los. O Estado os guardava nos archivos da administração. Já era muito, mas não era o sufficiente. Era essencial interrogal-os, fazel-os falar. Quantos, entre tantos que se dizem amar as cousas da Historia terão esse dom de evocação, essa aptidão de reconstruir num palimpsesto ou num codice carcomido e quasi apagado, o movimento, a acção, o pensar e o sentir de uma ou mais gerações extinctas? Si o genio, no conceito de um escriptor, é a paciencia em todas as manifestações da actividade mental, deve — nas investigações historicas mais que naquellas, primar a superioridade do espirito, attendendo se a que nada exige maior somma de paciencia e tenacidade que o manuseio de velhos papeis, em cujo acervo, para se encontrar um só de valor, não raro é preciso que sejam attentamente examinados dezenas de nenhum valor ou alcance para o que se procura.

Xavier da Veiga possuia no mais alto grau essa rara faculdade de investigação que, a força de ser repetidamente exercida, creou lhe um criterio especial, graças ao qual se obteve na organização do Archivo em poucos mezes aquillo que alhures só se tem conseguido ao cabo de longos annos de penosas tentativas.

Nas *Ephemeridas Mineiras* estava esboçado para o seu auctor o plano, cuja execução lhe foi facil. E as *Ephemeridas Mineiras* constituem, na verdade, uma obra de plano superior. Si o seu titulo corresponde á forma chronologica, que, em obediencia á lei, lhe deu Xavier da Veiga, o seu fundo attesta um longo folego historico, biographico e estatistico, de cujos elementos combinados em outra feitura, adaptados ao molde de uma narração chronologicamente seguida, poder se ia levantar a historia de Minas, em seu todo esculptural e completo.

Lá está no começo desse importante e pacientissimo trabalho um indice alphabetico de homens e cousas de Minas; lá está lançada igualmente, com vigorosos traços, a chronologia seguida de todos os acontecimentos mais notaveis da nossa historia.

O mais difficil estava vencido; o material accumulado, o plano traçado; ia agora entrar em funcções o architecto da Historia, quando a morte o colheu. Bem pu fera elle, entretanto, em seu testamento responder de antemão, aos que pretenderem arguir de incompleta a

obra, com as seguintes palavras do illustre historiographo dr. João Mendes:

« A historia das nações não é senão a biographia dos individuos, a chronica das familias, os annaes das povoações, formando tudo isso um conjunto de tradições gloriosas. »

(*Notas y neologicas — Livro de Familia*, pag. 209).

Para Xavier da Veiga, porém, a historia era mais que isso: — verdadeira sciencia, e não amontoado de datas e acontecimentos, ella fixa as leis, generalisa os factos particulares, resuscita o passado e prevê o futuro.

E' o que se presume de alguns apontamentos esparços encontrados entre os seus papeis, nos quaes se pode acompanhar a directriz que elle pretendia dar á nova obra que estava concebendo. Seu methodo seria o do determinismo historico, tendo em vista as leis da filiação, as condições de tempo e de espaço, e as influencias ethnologicas e mesologicas. Com relação á exactidão dos processos historicos, elle guardava o principio positivo de Schlazer: « A Historia é uma Estatistica movel e a Estatistica é uma Historia permanente », e este outro de Herder:

« A Geographia é a base da Historia, e esta uma Geographia posta em movimento. »

Como se vê, o espirito de Xavier da Veiga havia attingido a sua plena maturidade scientifica, e imagine se que fructos não produziria ainda o seu talento nesta nova phase.

Ha uma phrase delle, encontrada em seus apontamentos, que deve aqui ficar gravada como uma sentença historica em relação a Minas Geraes:

« O progresso em Minas, lento e cauteloso, mas constante e seguro, pode-se comparar ao systema da cremalheira nas estradas de ferro: a cada impulso do motor corresponde uma firme adhesão, ao solo, da roda dentada. »

Presumimos que Xavier da Veiga tinha já concebido o plano da sua grande *Historia de Minas Geraes*, dividida nas tres partes capitales da sua vida social e politica — colonia, imperio e republica.

Esta tarefa ser-lhe ia, como já significámos, de facil execução pelo largo material reunido nas *Ephemeridas*, em muitas das quaes estendem se verdadeiras monographias historicas, como a da guerra civil entre *Emboabas e Paulistas*, a da grande revolta de Villa Rica, em 1720, a da *Inconfidencia Mineira*, a da sedição militar em 1833 e a da revolução de 1842, podendo-se ainda accrescentar a dos primeiros descobrimentos em Minas, e numerosas notas desenvolvidas sobre os mais eminentes personagens historicos de Minas.

Não tem sido isento de reparos de uma parte da critica, o modo com que o distincto historiographo mineiro apreciou em suas *Ephemeridas* alguns factos e personagens do tempo colonial.

Elle anteviu a arguição, e é o primeiro a lealmente declarar que « na referencia e breves commentarios de innumerados actos tyrannicos do governo portuguez concernentes á antiga capitania de Minas Geraes, actos que negrejam as paginas da historia colonial, *não re-freei jámais minha natural indignação, que traduzia ao mesmo tempo revolta pela justiça e condolencia pelas victimas do despotismo.* »

Recusando a pecha de parcialidade, elle de antenão produzia a defesa com a auctoridade portugueza do grande Oliveira Martins, mais vehemente e severo que o auctor das *Ephemerides* em criticar os actos do despotismo colonial.

Xavier da Veiga e Oliveira Martins tinham razão. A Historia não é uma photographia morta de acontecimentos e de homens. É um tribunal aberto, em que a posteridade julga com os elementos da ultima cultura social.

Não importa a legalidade da sentença que condemna Tiradentes e a fidelidade ao throno do acto que enforcou Philippe dos Santos. O historiador julga por igual o throno, a lei e as auctoridades.

A Ordenação do livro 5.º era uma lei propria e necessaria á epoca?

Condemne-se a Ordenação com a sua epoca. A imparcialidade neste caso consiste em não separar do julgamento dos homens o do seu meio e periodo de civilização.

Quanto á serenidade imperturbavel e fria que, não ha duvida, é no historiador, como no magistrado, uma das suas mais apreciaveis qualidades, essa nem sempre é compativel com o temperamento do homem.

Para os que conheceram de perto Xavier da Veiga, é facilmente explicavel essa *maneira* de apreciar os factos historicos. De uma sensibilidade delicada e vibratil em extremo, embora dominada pela reflexão, não raro a emoção do artista e do moralista vencia em Xavier da Veiga a calma do historiador.

Debaixo do chronista desinteressado surgia o polemista ardente, o doutrinario propagandista. O estylo do tribuno jornalista rompia frequentemente a formula inflexivelmente sobria da narração historica, e eil-o transportado para o scenario dos successos, no meio dos personagens, e interessando-se com elles no desenvolvimento da acção, ora interpellando o tyranno, ora condoendo-se da victima, ora applaudindo a altos brados os heróes.

Apaixonado? Talvez o fosse no bom sentido, não para deixar de julgar com justiça, mas para exaltá-la e identificar-se com ella.

Foi severo no julgamento do Conde de Assumar, não porque este resistisse á revolta de 1720, como lhe cumpris, orgam que era de um poder constituido; mas porque, ultrapassando as proprias *normas legales* daquelle tempo, condemnara Phelippe dos Santos sem processo, preterindo-lhe o direito natural de defesa. Deixando de parte o

direito de necessidade invocado pelo mesmo Conde de Assumar para justificar a suprema fraqueza com que deferiu a todos os artigos de exigencia do povo levantado, Xavier da Veiga condemna e estigmatiza de modo indelevel e justo a deslealdade covarde, com que faltando á *palavra do rei*, o suspeito general cahiu de emboscada sobre os seus vencedores da vespera. Fora D. Pedro de Almeida mais cavalleiro, como lhe permittia a epoca, e a sua crueldade para com os vencidos teria talvez alguma attenuante na propria investida e coragem do ataque.

O que não lhe perdoou Xavier da Veiga era a dobrez, formada de covardia e crueldade.

Com relação ao velho Portugal, nunca o illustre historiographo mineiro deixou de lhe fazer justiça.

« O mal era da essencia do proprio regimen dominante. Não iremos por isso renegar a nossa historia e a nossa ascendencia, nem decretar o odio aos nossos maiores, erigindo-o em base do patriotismo ».

Reconhecia o criterioso pensador que o regimen colonial portuguez não era o unico a adoptar os processos odiosos da tyramnia: eram elles communs no seculo XVII aos governos hespanhol, inglez, hollandez e francez. E si ainda ha quem possa duvidar da natureza dos seus sentimentos para com a nação de que descendemos, ali está, do modo o mais franco, enunciado o seu pensamento:

« Si eram, pois, igualmente odiosos e oppressivos os principios reguladores dos governos europeus na exploração de suas colonias, bemdigamos a victoria de Portugal e o mallogro da tentativa hollandeza no Brazil. Graças a esse providencial desfecho daquelle rohida e sangrentissima lucta, os brazileiros, mais felizes do que outros povos, conseguiram immenso beneficio e invejavel fortuna: — a unidade de religião, de raça, de lingua e de costumes, unidade que se impõe como enorme força de cohesão e de solidariedade, fecunda no presente como no passado e auspiciosissima para o futuro, porque condensa elementos pujantes de progresso material e moral e porque significa penher o mais seguro da integridade nacional, do Oyapock ao Jaguarão ».

(*Prefacio das Ephemerides Mineiras*).

Quem isto escreve não é de certo um apaixonado. O juiz dominou o polemista, o historiador sobrelevou o poeta dramatico.

Nesta sentença transparece a alma de Tacito em sua serenidade immortal.

Essa *emotividade*, a que nos referimos, que por vezes agitava a penna do historiador e que para alguns constituiria o unico senão nos seus processos historicos, revela entretanto na psychologia deste homem notavel uma nova face, que, ainda quando faltassem documentos, uma analyse intelligente descobriria — a do artista das letras, ou digamos melhor — do poeta, que o foi Xavier da Veiga e de larga inspiração e de impecavel fórma. A existencia de alguns desses documentos, que elle com cautelosa modestia procurou sempre subtrahir à luz do publico, dispensa à critica literaria os complicados processos de classificação da esthetica que professava o festejado escriptor.

Com a devida venia da exma. familia, que chora a perda de tão eminente chefe, vão adiante transcriptas algumas das muitas poesias que escreveu Xavier da Veiga, infelizmente desaparecidas em sua maior parte por acto do proprio auctor.

A que ordem de receios cedia, assim se retrahindo, o illustre escriptor que sempre teve braços abertos e vozes de applausos para todos os poetas que iam apparecendo, cujas composições em grande numero não valiam as suas? Seria no *respeito humano* que obedecia o politico, temendo encontrar-se em situação egual à de Alencar, quando no seio do parlamento, lançaram-lhe em rosto, como um baldão de ridiculo, a qualidade de literato? Acreditamos que não: tanto presava e applaudia nos outros o dom literario e a inspiração poetica que não podia deixar de estimar os em si.

A uma modestia exaltada e exagerada por uma exigencia esthetica levada aos ultimos rigores para consigo mesmo, talvez seja licito attribuir essa sonégão, que privou as letras nacionaes de tão primorosos trabalhos.

Si as musas não fazem mal aos doutores, no dizer do poeta, não o fazem tambem ao historiador. Chateaubriand escreveu a historia dos *martyres christãos*, Victor Hugo a *historia de um crime*, Lamartine a *dos Girondinos*, Alexandre Herculano a *de Portugal*, Gonçalves Dias, numerosas *memorias historicas*, Macedo a *historia do Brazil*, e quantos outros antigos, modernos e actuaes! Xavier da Veiga o sabia mais que ninguem, e ninguem melhor que elle comprehendia a missão importante que os homens de grande sentimento e de alma delicada representam nos acontecimentos historicos e quanto a poesia suggere de coragem e de abnegação aos martyras e aos herões.

O tribuno audaz, o partidario revêl à disciplina absoluta, o jornalista por vezes auctoritario, ao confinar com as letras, em que elle era um verdadeiro mestre, tornava-se de uma delicadeza tão timida, de uma transigencia tão liberal, que fazia ás vezes receiar aos que ouviam as suas encantadoras palestras, houvesse um fundo de fina ironia naquella modestia do merito real tão em contraste com a temeridade jactanciosa de outros. Era, entretanto, sincero esse recato

dos seus peregrinos dotes literarios, como de todas as outras suas faculdades superiores; porque no intimo da sua familia, desvendada a sua alma de todos os véus da conveniencia externa, chegou muitas vezes, com essa *ingenuidade* caracteristica dos grandes pensadores, a se mostrar muito satisfeito e agradecido de que o julgassem um homem intelligente!

Mas agora digamos, ao passar os olhos pelas diversas poesias de Xavier da Veiga e apprehender-lhes o assumpto, que elle quiz talvez guardar esta melhor parte da sua alma, a do sentimento, para a familia sem a partilha da publicidade. A energia insubmissa do seu caracter adamantino, a faculdade do seu raciocinio lucido, a vasta illustração adquirida em incessantes vigílias, deu-as à Patria, ao Estado e ao seu partido, na tribuna, no jornal, no livro. Reservou para o lar a poesia, como o mais puro envoltorio dos seus carinhosos affectos de Esposo e de Pae.

E' tambem nessa poesia que se revêla o homem intimo, em toda a florescencia dos seus bellos sentimentos, poesia espontanea e meiga como a de Luiz Guimarães. A principio, era *Angelus*, seu antigo pseudonymo, abrindo o coração ao ideal do amor indefinido, ainda sem objecto, mas procurando-o na harmonia das cousas, embriagando-se no perfume das flores, deslumbrando-se nas alvoradas ridentes dos campos sul mineiros. Abatido o vôo nos valles encantados da velha capital de Minas, essa aspiração encontrou o seu alvo querido na esposa intelligente, que o soube comprehender e foi-lhe companheira na mais absoluta e inalteravel felicidade domestica.

Accêza a chamma desse lar, que nunca mais devia extinguir-se, como a da familia romana, perpetuando-se na memoria além da vida dos que se vão, coroavam-se por completo os seus anhelos de ventura vendo em torno de si uma prole em tudo digna delle, constituida de seis formosas meninas, em cada uma das quaes sentia com intimo orgulho o desabrochar de peregrinas virtudes, como recompensa ao seu grande affecto paternal.

Quereis ver a serenidade dos seus dias domesticos? Lêde os seguintes singelos versos feitos quasi de improviso, que retratam, como uma photographia instantanea, o estado do seu espirito e a situação do seu lar:

CHROMO

E' noute. Lampada belga
A sala toda illumina;
Attenta sobre seu livro,
Lê o Verne a Laurencina.

A mamãe sorri contente
De seis filhinhas rodeada ;
Vendo este quadro se alegra
Chiquinha, a velha creada.

Nove mezes tendo apenas,
Sobre a mesa a rir vivaz,
Estellazinha em seu collo
A' gata caricias faz...

O papae, passando, observa
A scena de enternecer...
E ora a Deus pelos seus,
E este chromo foi fazer.

Em tão confortavel convívio para seu espirito, era-lhe grato ás vezes devanear philosophicamente sobre os destinos humanos. Com a superioridade calma do pensador, vasava os seus sentimentos suaves em correctos e melódicos cantos, illuminados de espirituallismo christão, como uma advertencia aos seus de que não era eterna a felicidade que então fruiam :

O SOMNO E A ESPERANÇA

Após lidar insano — sol a sol,
Pede repouso o corpo afadigado,
O somno vem, e as forças lhe restaura.
E da manhã seguinte ao arrebol,
Eil-o de novo alento aparelhado.

No desfolhar continuo de illusões
Pede alentos a alma entrestecida :
Solicita, ministra-lhe a Esperança
— Meiga e perpetua luz dos corações
Em almos beijos, alegria e vida.

Um dia chega, affim, em que, cahindo,
Não se reergue mais o corpo morto !
Melhor que o somno, a fulgida Esperança
A alma, que ella amou, conduz sorrindo
A' região da Luz e do conforto !

Este autographo estava firmado com o pseudonymo — *Lemiel* — composto pelas iniciaes dos nomes de suas seis filhas — Luiza, Emilia, Maria, Jesuina, Estella e Lourença.

Mas a fatalidade ia riscar uma dessas letras, rompendo ao coração amantissimo do pae uma dessas seis fibras, de que se tecia a sua ventura. Estella extinguiu-se.

Na treva subita em que ficou mergulhado sentiu o desditoso pae rugir a tempestade em sua alma, a sua crença soffreu terriveis embates ; vacillante entre a realidade brutal da dor presente e as brumas impenetraveis, que só a graça divina pode devassar além. E um instante houve em que chegou a clamar, na mais amarga interrogação : «E vêm do ceu, — remanso de misericordia e de amor — os pavorosos raios destas desgraças medonhas?...»

Era a repercussão dessa mesma dor suprema que, em crise semelhante, arrancara do peito de Guilherme Braga este grito de lancinante blasphemia :

..... A providencia
tem garras para mim, rouba-me os filhos !

Mas a crença triumphou : a revolta do coração contra o destino diluiu-se em lagrimas, e o grito de angustia dissolveu-se em ondas de poesia melancholica, como o golpe brutalmente vibrado sobre uma caixa harmonica, desperta nas cordas suavissimos sons.

Foi por essa escada sonora e mystica que o seu espirito, reconciliado com a dor que o martyrisava, communicou com a filhinha que partira.

O pae tomava a ternura de um orpham para exclamar :

« Adeus, Estella ! Abençoa-nos, filhinha ! »

Mas, deixemos correr como um pranto essa sentida nenia, uma das paginas mais ricas de sentimento e belleza que nos têm commovido na poesia da nossa traça. Como o *Salgueiro* de Musset, o *Cantico do Calvario* de Varella e a elegia a Gabriel, de Guimarães Junior, devem estes versos ser recolhidos ao patrimonio da nossa lingua.

ESTELLA

No derradeiro olhar que me lançaste,
Tão longo e doce, tão sereno e triste,
Senti que em despedida me abençoaste,
Evolando-te ao Céu p'ra onde partiste !

Depois — com a mãosinha tão mimosa
Tão pura e linda, que eu beijei tremente —
Afastaste-me a face, carinhosa,
E para mim sorriste meigamente !

Não pude mais fitar-te... Minha vida,
— Morta a esperança, a fé esvaecida —
Abysmava-se em torvas agonias...

Feliz eu fóra, Estella, si nessa hora
— Um crepusculo no berço de uma aurora —
Morresse junto ao leito em que jazias!

..

Mimosa e triste, pallida, abatida,
Na face a flôr da vida desbotada,
Assim te vejo ainda, oh filha amada,
Minha saudosa Estella tão querida!

Quanta amargura, oh tempo de agonia!
Pungindo o coração quantos tormentos!
Tristes visões nos negros pensamentos...
Ai! que afflictivo aneio que eu sentia!

Mas vivias! Comtigo a esperança, a crença,
Animavam-me a mente de conforto...
Agora, que me resta?... A soledade.

Na vida — um ermo de tristeza immensa...
No peito em luto — o coração já morto...
E dentro d'alma — a nenia da saudade!

..

No mesmo dia em que te foste anginho,
Para as paragens mysticas do Céu,
Teus labios puros como o puro arminho
Oscularam, sorrindo, o rosto meu!

Hera mimosa em tronco combalido,
Raio de aurora em campo desolado,
Sopro de fé numa alma de descrido,
Carícia de anjo a um ser amargurado!

O beijo de teu labio purpurino,
Estella meiga, tão formosa e pura,
Pousou em fronte que na dôr se esvae...

Filhinha de minha alma! que destino!
— No teu alento extremo de ternura
Beijavas o cadaver de teu pae!...

..

Vendo-te a angustia, e a pallidez funerea
Que o derradeiro alento preludia
Desfallecida, triste, inerte e fria,
Alçando o vôo p'ra mansão siderea...

Doridos, cruciantes pensamentos,
Como negras visões de horrendo sonho,
— Um após outro, em turbilhão medonho —
Punham-me a alma à prova dos tormentos!

Depois... em pranto, a soluçar, tremente,
— Supremo adeus — de acerba despedida —
Eu beijei-te os pesinhos regelados...

Depois... filha adorada! atroz, pungente,
Saudade immensa transformou-me a vida
Em abysmo de dias negregados!...

..

Tinhas do colibri o fascinante
Mimo, — da branca per'la o mago encanto,
E da violeta o odor inebriante
Na sombra rescendente... O' Céos! no emtanto,

Negou-te o mundo, de extensão t-manha,
A ti tão pequenina e tão formosa,
Um oasis no valle ou na montanha,
Onde pudesses scintillar, mimosa!

Tudo negou-te ao despontar da vida
O mundo féro e vil para contigo,
Minha saudosa Estrella tão querida!

Tudo negou-te! Colibri—um ninho...
Perola — uma conchinha para abrigo...
Violeta — um asylo em jardinzinho!...

A harpa que desferiu essas melodias, o coração que assim gemeu,
era uma harpa a estalar, um coração ferido irremediavelmente. O
cysne esgotára no seu canto toda a energia vital. Depois disso, ou
o suicidio, ou a leucura... ou a fé religiosa e um immenso apêgo à
familia.

Xavier da Veiga sobreviveu a si mesmo mais oito annos trazendo
atravessada no coração a setta dessa dôr. Uma melancholia profunda
derramava se em todo o seu ser.

Podia, então, com verdade repetir o que annos antes escrevera:

Si eu pudesse morrer tranquillo e puro
 — Puro para aspirar ao Céu e a Deus,
 — Tranquillo por não ter no transe extremo
 Penas, saudades, zelo pelos meus ..
 Si eu pudesse morrer tranquillo e puro...

Trocara alegre os dias do futuro,
 As manhãs que me restam nesta vida,
 E os sonhos que me restam a sonhar,
 Da morte pela eterna despedida,
 Trocara alegre os dias do futuro!

Vida sem fé, sem illusão, é vida?!
 Tédio no espirito a cruciar sem dô,
 Na alma enlutada a esperança morta,
 Dentro do coração tristezas só!...
 Vida sem fé, sem illusão, é vida f...

Não vale o mundo a dolorosa lida,
 Esse perenne desfolhar em magoas,
 De crenças vivas nellas se evolvendo
 A essencia da alma do soffrer nas fragoas...
 Não vale o mundo a dolorosa lida!

Da existencia no insano turbilhão
 Quantas angustias por um goso apenas!
 Perfídias vis em voz de affectos veros,
 Espinhos espargindo, a rir, serenos,
 Da existencia no insano turbilhão!

Geme enlutado o coração proscripto...
 Triste soffrendo o banimento atroz!
 E qual pobre Ismael da lenda hebreia
 Só ter por queixa o pranto, a dôr por voz...
 Geme enlutado o coração proscripto!

As mesmas alegrias, que tormento!
 A blandicia mimosa de um filhinho
 Terrores gera ao pae extremecido
 De vêr finar-se em flôr o pobre anginho;
 As mesmas alegrias — que tormento!

Tudo receios, dores, sobresaltos!
 Ora a sorte de irmãos que nos são caros...
 Ora a sorte da esposa muito amada...
 Ora a vida da mãe idolatrada...
 Tudo receios, dores, sobresaltos!

Si eu pudesse morrer tranquillo e puro,
 — Puro para aspirar ao Céu e a Deus
 — Tranquillo por não ter no transe extremo
 Penas, saudades, zelos pelos meus...
 Si eu pudesse morrer tranquillo e puro!

Trocára alegre os dias do futuro!
 As manhãs que me restam nesta vida,
 E os sonhos que me restam a sonhar
 Da morte pela eterna despedida,
 Trocára alegre os dias do futuro!

Xavier da Veiga não cultivava a poesia por amor á gloria e ao successo. Parecia antes fugir á notoriedade do seu nome nesse ramo da Arte, que elle adoptou, por necessidade de seu temperamento, como um instrumento sagrado que só devia vibrar para elle e para a familia.

Em uma delicada traducção da poesia de Lamartine intitulada *Adeus á Poesia*, lêem-se estas estrophes:

Junto á campa sombreada,
 Lyra amiga, me seguiste,
 E dos festins exilada,
 Jamais foi-te a voz mesclada.
 Do mundo aos hymnos que ouviste.

Ora presa num cypreste,
 Ora livre como as aves,
 — Por mim captiva não vieste —
 Aos palacios, flor agreste,
 Modular canções suaves.

Tambem jamais inspirou-te
 O das turbas vão ardor;
 Meiga e casta Deus formou-te;
 Nenhum sópro despertou-te
 Excepto o sopro de amor.

Do mundo pela amplidão,
 Onde eu vivi peregrino,
 Eras tu que ao coração
 Na triste voz da oração
 Davas-me um echo divino.

Espontaneidade, graça e harmonia, eis as qualidades que asseguram ás poesias de Xavier da Veiga a estima e admiração de quem as ler. Ha em alguns dos seus sonetos uma certa doçura camoneana animada pelo ardor de um artista dos tropicos.

Volvamos porém á outra face importante da individualidade de Xavier da Veiga, cujos traços principaes apenas rememoramos rapidamente: a face politica, a que recebendo mais em cheio a luz da publicidade, o fez mais conhecido.

A tribuna da assembléa e do senado e a imprensa, illuminadas ambas por elle com igual brilho, nada esconderam das eminentes qualidades que constituíam o parlamentar e o jornalista de partido. Que gloriosas campanhas!

Quem percorrer as collecções da *Provincia de Minas*, especialmente em sua segunda phase (1880 — 1889), encontrará os mais completos documentos para a psychologia politica do sr. Xavier da Veiga. Filiado tradicionalmente ao partido conservador, a disciplina partidaria nunca o jungiu ás transacções contra os principios de sua fé politica. A sua individualidade, sempre erecta em nobre autonomia, não se deixava absorver nos convenios de vantagem occasional, tão frequentes no viver partidario. Em um dos artigos da *Provincia de Minas*, gravava como sub-epigraphe, estas palavras memoraveis do conselheiro Saraiva, então presidente do conselho de ministros:

« O que tenho eu a desejar hoje senão que o paiz me aprecie! Pouco me importa que o meu partido me amaldiçoe, si o paiz entender que eu cumpro o meu dever. Foi essa a minha eterna doutrina, e por isso nunca fui o homem mais querido do meu partido. — Nunca fui dos mais festejados, mas quero antes estar bem com a minha consciencia e com o paiz, do que com o meu proprio partido, ao qual aliás presto os serviços que posso. » — (*Provincia de Minas*, n. 8, de 1880).

Bellos traços da physionomia de Saraiva, em que se mirava o distincto jornalista mineiro.

Dedicado ás instituições monarchicas, mostrou se sempre, como o seu glorioso parente Evaristo da Veiga, um ardente defensor da liberdade. Não o prendiam a essa politica motivos de ordem pessoal para com a familia reinante.

« Quem escreve estas linhas, diz Xavier da Veiga, pode dizer em relação ao sr. D. Pedro II o que Tacito dizia referindo se a Trajano: — não lhe dever nem injuria nem beneficio. Rende preito ao principe illustre por impulso da consciencia, e a posteridade inflexivel e illuminada nos seus juizos, ha de confirmar sem duvida o conceito ora externado e que é o da opinião esclarecida e imparcial. » — (*Provincia de Minas*, n. 3 — 1880).

Sempre coherente nestes principios, jámais a sua penna ou a sua palavra, os seus actos e os seus trabalhos desmentiram esse conceito externado acerca do ultimo imperador do Brasil. Os acontecimentos

que sobrevieram a 15 de novembro de 1889, sem resistencia dos velhos partidos monarchicos, dos quaes uma grande parte, poucas horas depois, acolhia com applausos o advento do novo regimen, longe de produzirem no espirito do jornalista mineiro, logo após chamado a collaborar na Republica, uma resolução de franca e formal adhesão, despertaram-lhe amargas reflexões externadas em um notavel discurso pronunciado no Senado Mineiro, onde, explicando a sua attitude na nova situação do paiz, declarou ser um conformado, visto terem abandonado a causa da monarchia aquelles a quem mais de perto competia defendel-a com efficacia. Este discurso, que produziu a mais funda sensação no Congresso Mineiro, e despertou depois algumas reclamações vehementes por parte de illustres representantes da escola republicana historica, encerra, entretanto, uma exemplarissima pagina de sinceridade, independencia e altivez civica.

Acreditamos que essa conformidade a que com tanto calor se referia o illustrado parlamentar não foi mais do que um lemma de guerra suscitado no debate, sonda entendera fora provocado para se pronunciar sobre as suas crenças politicas. O amor á liberdade, o zelo pelos principios de autonomia local, arrastavam irresistivelmente o seu espirito a acatar todos os corollarios da revolução de 15 de novembro.

Apezar de suas crenças notoriamente monarchicas, nove annos antes da Republica, tinha a sua penna arguições severas para a politica imperial:

« Os acontecimentos de nossa politica nestes ultimos tempos, os actos dos prohomens do partido dominador, a tendencia ameaçadora do espirito faccioso, os attentados e escandalos commettidos na corte e nas provincias, á sombra ou por inspiração de quem governa este desventurado paiz, geram recios de que dentro em pouco erga-se ostensivamente á altura de um programma politico a maxima (regranda já por muitos dos nossos dominadores tacitamente adoptada: — *mora e justiça nada têm que fazer com a politica!* »

(*Prov. de Minas*, n. 10, de 1880).

Dentre outras muitas criticas acerbas feitas a situações, de ambos os partidos do antigo regimen, destacaremos a que se contém no seguinte trecho da *Provincia de Minas*, n. 185, de 20 de dezembro de 1883:

« Compulsem-se os patricios annaes e reconhecer se-á que, nos seculos coloniaes, sob o regimen d'el-rei *nosso senhor*, concentrada a direcção suprema dos negocios na velha metropole, a duas mil leguas de distancia, quando nem existiam vapores para o serviço postal, quando não tinhamos nem parlamentos nem esse exercito de funcionarios que suga o melhor de nossa seiva orçamentaria—mais intelligente, activa e patriótica era a administração do paiz. Para certificar-o ahí estão trabalhos monumentaes, que têm resistido e vão

resistindo à acção destruidora do tempo. A liberdade era então uma palavra vã, não ha negal-o; muitos actos de tyramnia se praticaram, é certo; mas tudo isto franca, leal e ostensivamente. Hoje, a hypocrisia das formulas dá nos apparencias, mas somente apparencias de povo livre: em vez da tyramnia impôra a corrupção erigida em systema de governo; e para cumulo de vergonha, a auctoridade, desmoralizada pelo arbitrio, é uma sombra sem prestigio, como a administração, caracterizada pelo ocio e pela incapacidade de seus mais graduados agentes, deixa-se levar à tona dos acontecimentos, que nem sabe bem discernir, nem prende energica sob uma direcção esclarecida e patriótica ».

Nesse theor ha innumerous outros trechos, em que, ora com a serenidade de Tacito, ora com a mordacidade de Juvenal, o vigoroso jornalista politico dissecou frequentemente a politica do imperio, auxiliando deste modo a corrente republicana, que, aliás, elle formalmente combateu ao decahir da monarchia. Auxiliou-o não intencionalmente, porque a sua lealdade ao regimen era intemerata, mas porque attribuia aos governos erros que só pertenciam ao regimen e que se tornaram irreparaveis nelle; do que a propaganda habilmente se ia aproveitando para a implantação da Republica.

Xavier da Veiga praticava a politica como a entendia Bluntchli, dominada pela moral e pelo direito; e não é arbitrario induzir dos seus actos e escriptos que, si o novo regimen não irrompesse de sorpresa, uma vez convencido de que a monarchia era incapaz de resolver todos os problemas que se prendem ao destino da nossa patria, a evolução natural do seu espirito terminaria por adoptar o mesmo programma revolucionario da propaganda republicana.

A vivacidade do seu temperamento, a impaciencia patriótica que por vezes revelava diante de um acto menos justo, a combatividade da sua penna de jornalista não se deteriam diante de um throno, a cuja sombra se abrigavam todos os nossos males.

Como quer que seja, a passagem do sr. Xavier da Veiga pela politica foi mais um dos traços brilhantes da sua individualidade eminente a todos os respeito e inconfundivel com qualquer outra.

Afastado da politica para o recolhimento sereno de outras cogitações, não lhe passavam despercebidos os acontecimentos e negocios publicos, e sobre elles em intima palestra, com a calma de um desinteressado, proferia juizos de alto criterio, prognosticando com admiravel lucidez de previsão o seu desenlace e resolução.

O espirito do antigo militante havia attingido á situação das syntheses largas, que se condensam nas leis sociaes. As refregas das experiencias recebiam, emfim, o balsamo suave da visão da verdade que consola.

E eis ahí o homem politico que foi Xavier da Veiga.

Tal era a auctoridade dos seus conceitos sobre diversos problemas da actualidade, e tão proficua se afigurava a todos a sua applicação aos negocios publicos, que ao seu retiro de pensador e escriptor vieram eminentes chefes reclamar a sua volta ao scenario da politica activa, na curul senatorial que tanto soubêra honrar. Foi de balde o appello.

Já minado pela enfermidade tenaz que o levou ao tumulo, só achava conforto no seio da familia e de alguns amigos intimos, com quem repartia os lazeres que lhe deixavam as arduas funcções do seu cargo de director do Archivo.

Entretanto, si ao illustre e antigo politico não foi difficil escusar-se ao cargo electivo, para o qual ia ser indicado, foi-lhe de todo impossivel recusar os seus serviços administrativos, reclamados em nome do Estado pelo seu antigo companheiro e amigo de infancia, o dr. Silviano Brandão, actual Presidente do Estado, empenhado em terminar, ou encaminhar de modo definitivo e seguro a velha questão de limites entre Minas e Rio de Janeiro.

Como se desempenhou o venerando servidor do Estado, desta delicada e difficil missão, attesta o brilhantemente o Relatório por elle apresentado em 24 de fevereiro de 1899 ao exm. sr. dr. Silviano Brandão.

A não aceitação, por parte do governo do Rio, das propostas de interpretação do accôrdo anteriormente celebrado e de arbitramento, tão desejado por quem se sente amparado pelo direito, longe de ser um malôgro, tornou mais clara a justiça da causa mineira, collocada pelo sr. Xavier da Veiga em termos de uma prompta solução judicial. Nessa missão, em que elle soube alliar ao fino tracto do cavalheiro e diplomata a intransigencia e energia calma de um mandatario de melindrosos interesses do seu Estado, revelou elle um alto senso juridico, tendo de sustentar sobre a delicada doutrina da posse, uma longa polemica com o eminente jurista dr. Oliveira Figueiredo, que lhe rendeu depois honroso testemunho de admiração.

O actual governo mineiro, sem a menor quebra das relações amistosas com o Estado vizinho, conseguiu, por intermedio do seu delegado, a victoria moral de tornar evidente o seu direito e pedir a sua declaração pacifica ao tribunal competente.

E não foi somente moral essa victoria, e sim tambem politica; porque demonstrou, por facto significativo, que dentro do elastico do nosso systema constitucional, todas as questões, ainda as mais complicadas e melindrosas, são susceptiveis de uma solução, honrosa para ambas as partes.

Foi esse o ultimo serviço mais assignalado que ao Estado prestou, com immenso sacrificio da sua saúde e dos seus commodos, o benemerito mineiro, já profundamente abalado em seu debil organismo, pela molestia, cujo desenlace havia muito era prognosticado,

molestia contra a qual foram impotentes todos os cuidados da família e todos os recursos da sciencia, incansavel e proficientemente applicados pelos facultativos drs. Cornelio Vaz de Mello, Claudio Alaôr Bernhauss de Lima e Pedro José da Silva, peregrinos apostolos da medicina e da philanthropia.

Xavier da Veiga chegava ao termo da sua jornada terrestre. Não tardaremos em deixar cahir o ponto final nesta rapida memoria, cerrado um véu de crépe sobre as scenas commoventes que precederam e acompanharam o seu passamento, doce e sereno como o de uma creança ou de uma ave que expira. E expirou como um justo que era. A quem couber escrever-lhe a biographia completa, sem o receio de avivar recentes magoas da saudade, sobram innumerous episodios intimos para o desento exemplar do vulto de José Pedro Xavier da Veiga em toda a sua grandeza moral.

Estes lampejos, que ainda vivo elle reflectia do clarão da immortalidade, pertencem ao sacrario impenetravel do seu lar e dos seus mais intimos amigos. A penna do chronista se detem, inclinando se muda perante elles, até que a Historia venha carinhosamente receber esse precioso deposito das mãos da familia, para, com a sua austeridade serena, expô-lo á admiração da posteridade.

NOTA

E' enorme a contribuição particular do sr. Xavier da Veiga para o Archivo Mineiro, em qualquer das suas tres importantes secções — Bibliotheca, Archivo e Cimeliarchum.

Além de muitas outras dadas que o illustre bibliophilo offereceu á instituição que ia dirigir, temos conhecimento das seguintes :

— 134 volumes de *Annaes do Parlamento Brasileiro*, durante o Imperio.

— 21 volumes de *Annaes da Assembléa Legislativa Provincial de Minas Geraes*.

— 78 volumes de *Relatorios de Ministros de Estado*, durante o imperio.

— 165 volumes de *Relatorios* de antigos presidentes da provincia de Minas, theses de medicos mineiros, posturas de camaras municipaes do Estado, e de outros opusculos de auctores mineiros, ou de

assumpto de interesse mineiro, inclusive o livro — *O Selvagem*, de Couto Magalhães.

— Mais 105 opusculos diversos, escriptos por mineiros ou concernentes a assumptos de interesse para Minas.

— Collecção completa em 2 volumes do *Estado de Minas*, de 20 de novembro a 20 de abril de 1892.

— O *Constitucional*, folha ouropretana, collecção encadernada de agosto de 1866 a janeiro de 1867.

— O *Conservador de Minas*, collecção de fevereiro a março de 1870.

— Collecção completa d'A *Provincia de Minas*, de julho de 1880 a novembro de 1889.

— Collecção completa da *Ordem*, de 1889 a 1892.

— 336 numeros de diversos periodicos mineiros antigos, dos quaes 127 representam o primeiro numero de outros tantos periodicos da antiga provincia.

— Mais 49 periodicos mineiros antigos e modernos.

— Avultada e preciosa collecção de documentos historicos manuscritos, nos quaes se comprehendem um volume das *Memorias* sobre a Capitania mineira pelo dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, cujo capitulo final, nunca fôra antes publicado, e diversos autographos de Tiradentes, Claudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto, Freire de Andrade, Domingos de Abreu Vieira, Visconde de Barbacena, Joaquim Silverio dos Reis, etc.

Esta liberalidade, já por si só constituiria um titulo de insigne benemerencia para o laureado Mineiro, cuja personalidade, ainda neste particular, está perpetuamente vinculada á instituição, de que foi fundador.